

JOÃO BATISTA NA HISTÓRIA DA REDENÇÃO: UMA ANÁLISE EXEGÉTICA DE MATEUS 11:7-15

Me. Lidiane Ribeiro da Silva de Souza¹

Vinícius Barreto Machado ²

RESUMO

Os cuidados para não atribuir a um texto antigo significados que não eram pretendidos em sua origem extrapolam em muito a leitura comum do mesmo. Problemas como anacronismos e interpretações equivocadas são bastante frequentes no que se refere a escritos centenários, ou, no caso da Bíblia, milenares, e devem ser evitados por meio de uma adequada observação de seu contexto e significado. Este artigo tem como objetivo demonstrar uma análise aprofundada da passagem encontrada em Mateus 11:7-15, na qual Jesus defende o caráter de João Batista diante da multidão enquanto sinaliza o Reino dos Céus. Utilizando ferramentas de análise textual, como a exegese, buscou-se aproximação do sentido pretendido por Jesus em seu discurso. Com tais esforços, o foco não se limitou-se apenas à mensagem de Jesus em relação a João, mas também abrangeu as implicações teológicas e práticas presentes nesse discurso. Espera-se, com base na apresentação exegética da perícopa selecionada, proporcionar uma perspectiva mais coerente para a compreensão desse trecho bíblico, uma vez que, ao evitar interpretações superficiais ou descontextualizadas, é possível captar de forma mais precisa a mensagem original de Jesus e sua relevância tanto para o contexto histórico quanto para a vida cristã contemporânea.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus; João Batista; Reino dos Céus.

ABSTRACT

The precautions to avoid attributing meanings to an ancient text that were not intended in its original context go far beyond the common reading of it. Problems such as anachronisms and misguided interpretations are quite common when dealing with centuries-old writings, or in the case of the Bible, millennia-old, and they need to be avoided through proper observation of their context and meaning. This article aims to demonstrate an in-depth analysis of the passage found in Matthew 11:7-15, in which Jesus defends the character of John the Baptist before the crowd while he signalizes the Kingdom of Heavens. By utilizing textual analysis tools such as exegesis, an attempt was made to approach the original intended meaning of Jesus in his discourse. With these efforts, the focus was not limited solely to Jesus' message regarding John but also encompassed the theological and practical implications present in this discourse. Based on the exegetical presentation of the selected pericope, it is hoped to provide a more coherent perspective for understanding this biblical passage, as avoiding superficial or out-of-context interpretations enables a more precise grasp of Jesus' original message and its relevance both to the historical context and contemporary Christian life.

Keywords: Gospel of Matthew; John the Baptist; Kingdom of Heaven.

1. INTRODUÇÃO

A tarefa de interpretar apropriadamente um texto sempre traz consigo seus desafios, podendo ser ainda mais árdua e passível de erro quando realizada sem a aplicação das ferramentas adequadas de interpretação e análise do trecho em questão. Por ferramenta adequada de interpretação, entende-se a análise textual através da Exegese, definida por Wegner (1998, p. 11) como o ato de interpretar e explicar um ou mais textos encontrados na Bíblia. Ou ainda, como apresentação, descrição, narração – ou explicação, interpretação – todos estes, possíveis significados da palavra em sua origem (grego) *exegesis*. Outra definição também pode ser dada como “a tentativa de escutar a Palavra do mesmo modo que os destinatários devem tê-la ouvido; descobrir qual era a intenção original das palavras da Bíblia”. (FEE, 2011, p. 31).

No intuito de reafirmar a eficácia e precisão de tais ferramentas, bem como de realizar análise aprofundada de uma perícopes das Escrituras Sagradas, este trabalho se propôs à tentativa de interpretar mais acertadamente a passagem encontrada em Mateus 11:7-15, quando Jesus, após a visita dos discípulos de João Batista, se dirige à audiência ao seu redor de forma didática, corrigindo a perspectiva que muitos tinham sobre a figura do profeta do deserto.

2. ANÁLISE TEXTUAL E LITERÁRIA

A perícopes selecionada para este trabalho teve seu destaque a partir do processo de observação da continuidade textual de elementos como personagens, cenário, gênero, assunto, etc. Este processo teve sua realização respeitando a definição de Osborne (2009, p.185) para perícopes como sendo uma microunidade textual que possui introdução, ponto desenvolvido e conclusão, e que afeta, com sua argumentação, o raciocínio ou imaginação do leitor de forma convincente ou persuasiva.

Tendo em vista que este trabalho se propôs a compreender de maneira mais profunda a fala de Cristo sobre João Batista, sua existência como cumprimento daquilo que havia sido profetizado sobre um precursor do

Messias, e seu papel no prenúncio do Reino dos Céus, as análises contidas aqui se limitarão à perícopes entre Mateus 11:7 a Mateus 11:15, que dá enfoque ao discurso de Jesus sobre João após ter despedido os discípulos do mesmo, e se encerra quando o mestre sutilmente muda o objeto de sua fala, e passa a tratar sobre a incredulidade de sua geração. Esta escolha apoia-se em comentaristas como Matthew Henry (2004, p. 40) e Donald A. Carson (2010, p. 313), que também optam por esta segmentação em suas obras.

2.1. Análise de Gênero Literário

No intuito de facilitar a compreensão da análise literária da perícopes selecionada, as definições e nomenclatura de “Gênero Maior” e “Gênero Menor” encontrada em Wegner (1998, p. 181) foi adotada neste trabalho. O gênero maior, no caso do texto de Mateus, é facilmente identificado por sua própria definição no texto sagrado: Evangelho. Os textos designados como Evangelho, amplamente aceitos pela Igreja Cristã como contidos nos quatro primeiros livros do Novo Testamento, têm em sua natureza a apresentação simultânea do registro de fatos acerca de Jesus, da divulgação de seus ensinamentos, e da revelação de seu testemunho, e trazem estes conteúdos, à grosso modo, no formato de ditos e narrativas, devendo sua interpretação ser conduzida conforme estes formatos (FEE, 2011, p. 153).

A caracterização de gênero menor não apresentou a mesma unanimidade e consenso entre autores da análise acima, embora determinados padrões e semelhanças textuais inclinam-se naturalmente à classificação do trecho selecionado como um Apotegma Didático. Em outras palavras, trata-se de uma narrativa que se concentra ao redor de um pronunciamento de Jesus, bastante semelhante às anedotas de filósofos ou santos, tendo como objetivo de seu discurso central, o esclarecimento e orientação de sua audiência. (WEGNER, 1998, p. 185).

2.2. Análise de Contexto Literário

A passagem selecionada, que retrata o discurso de Cristo em defesa àquilo que representava a pessoa de João Batista, encontra-se em uma seção

do primeiro evangelho sinótico destinada a demonstrar a hostilidade crescente do povo e dos líderes judeus para com Jesus, sua mensagem e seus seguidores. Carson (2010, p. 76) e Radmacher (2010, p.12) enquadram esta seção no contexto maior de Mateus 11:2 e Mateus 13:53, nomeando-a, respectivamente, como “O ensinamento e a pregação do evangelho do reino: surgimento de oposição” e “A oposição de Jesus”.

Esta distinção pode ser verificada na observação do texto bíblico. Nos capítulos 9 e 10 de Mateus, prévios ao trecho delimitado acima, o evangelista relata diversos eventos miraculosos e instruções aos discípulos, lista o nome dos apóstolos, e narra o seu próprio chamamento. Temática esta um tanto quanto divergente com a de Mt 11:2 a 13:53. E posteriormente, no capítulo 14, a apresentação de sinais milagrosos retorna a aparecer no texto evangélico, junto com a narrativa da morte do profeta batista, dando indícios, novamente, de mudança de tema e começo de uma nova seção.

Restringindo a análise ao capítulo 11, nota-se que o discurso realizado por Jesus dos versos 7 a 15, em defesa da confiabilidade e essência do ministério de João Batista como aquele que prepararia o caminho para a vinda do Senhor, é diretamente relacionado às suas passagens vizinhas. Este trecho tem seu prólogo (v.1) na informação de que Jesus continuará seu ministério, logo após os eventos de Mateus 10, dando foco na pregação das Boas Novas nas cidades de origem dos doze apóstolos. O segundo versículo, em contrapartida, tem a incumbência de dar início à narrativa envolvendo João Batista, dado como encarcerado, e sua necessidade de confirmação de Jesus como sendo o Messias aguardado. Para tal, o profeta teria enviado seus discípulos para questionarem o mestre galileu, e este evento (v.3~6) teria, possivelmente, instigado algumas dúvidas em meio ao povo sobre o caráter de João Batista e a validade de suas realizações, o que seria motivo para a fala instrutiva de Jesus (v.7~15).

Os versos seguintes, de 16 a 24, se apoiam na natureza defensiva do discurso do messias, mas mudam de tonalidade, sendo claramente caracterizados como uma exortação direcionada à incredulidade da geração vigente e das cidades Corazim, Betsaida e Cafarnaum, que teriam conhecido de perto o Filho do Homem e seus milagres, e mesmo assim não teriam crido

nele. Aqui, João Batista é novamente citado, mas apenas de modo a comparar a postura incoerente do povo em frente àqueles que Deus enviou (v.18~19).

O encerramento do capítulo 11 faz, em contraste à oposição evidenciada nos versos anteriores, defesa ao sucesso garantido do ministério de Jesus, de sua pessoa, e de seu chamado. Isto se dá por meio de um agradecimento público do Filho para o Pai por Sua obra manifesta aos homens e revelada estritamente de acordo com a Sua vontade (v.25, 27). Adiciona-se ainda ao capítulo, um epílogo em forma de convite, direcionado a todos os “cansados e sobrecarregados” (v.28) para que venham até o Cristo de Deus, aprendam dele, e assim encontrem descanso para suas almas, mais uma vez confirmando Jesus como aquele que deveria ser adorado e não, combatido.

3. ANÁLISE DE CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Conforme Gorman (2017, p. 82), a qualidade das perguntas de um pesquisador ao texto, bem como sua capacidade de tratar os assuntos essenciais ali contidos, é diretamente proporcional à quantidade de conteúdo corretamente absorvido sobre o contexto histórico, sociopolítico e cultural do escrito em questão. Logo, questões como autoria, data e local de escrita, destinatários e propósito do documento, e cenário sociocultural da época são fundamentais para um desenvolvimento exegético acurado.

3.1 A Autoria do Evangelho

A despeito de o primeiro livro do Novo Testamento ser designado como de Mateus, assim como nos outros evangelhos, a autoria aqui é anônima. Não há no texto menção direta ou indireta ao nome de seu autor. Ainda assim, conforme Lopes (2019, p. 17), reconhece-se desde a patrística que o Apóstolo antes considerado entre os cobradores de impostos, Mateus (ou Levi), teria composto aquele que é considerado por alguns críticos como o livro mais importante já escrito.

D.A. Carson (2010, p. 34) compila algumas das principais objeções que tem surgido à autoria apostólica do livro em questão. Entre estas, as mais observadas seriam: a possibilidade de o texto ter sido baseado em outras

fontes que não o testemunho ocular apostólico; a qualidade rebuscada do grego adotado pelo texto; a estrutura sistemática anacrônica ao estilo de escrita judeu da época. Contudo, a argumentação contra a autoria de Levi não é convincente, substancial ou conclusiva o bastante.

Já a adoção unânime da mesma autoria citada anteriormente por parte da igreja primitiva é evidentemente sólida e bem suportada. Não somente o Apóstolo Mateus teria feito os mesmos registros sobre o ministério terreno de Cristo, como também teria utilizado o Hebraico em seus escritos em primeiro momento, fazendo a organização e tradução do material para o Grego apenas anos depois (conjectura-se que após Marcos ter elaborado sua obra). Por esta razão, a aceitação de Mateus como o autor do primeiro material evangélico continua bastante notória no meio acadêmico. (HORSTER, 1996, p. 23)

Mateus teria sido um judeu de Cafarnaum nascido por volta do primeiro século, caracterizado como publicano por seus serviços prestados na cobrança de impostos, e em função disso, sujeito e submisso ao governo romano, e detestado pelos seus conterrâneos. (HENRY, 2004, p. 1443). Dentre os discípulos de Jesus, em sua maioria, pescadores, Mateus possivelmente teria se destacado por suas habilidades de anotação e registro de fatos e acontecimentos, o que daria suporte aos argumentos em favor da veracidade e precisão das narrativas e discursos contidos no primeiro texto sinótico. Além destas informações, pouco é sabido de maneira concreta sobre a pessoa do Apóstolo Mateus.

Sobre a data de autoria do Evangelho de Mateus, uma hipótese vem ganhando força nas últimas décadas localizando sua composição em tempo anterior ao ano 66 d.c. (diferente da ideia de autoria mais tardia). Sua justificativa se dá na plausível impossibilidade de a escrita de versos como Mt 24:15 – *Quando, pois, vocês virem...* – ou Mt 24:20 – *Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno, nem no sábado* – que muito provavelmente fazem previsão sobre a destruição de Jerusalém, ter precedido o ano em que o epicentro da comunidade judaica tenha encontrado seu lástimo final. (RIENECKER, 1998, p. 15)

Harrison (2019, p. 2) reafirma a dificuldade de o primeiro texto sinótico ter sido escrito após a sétima década do Século I, tendo em vista que “não encontramos nele nenhuma indicação de que Jerusalém estivesse em ruínas

(sendo claramente proféticas todas as predições de sua destruição)”, e reforça a antiguidade do livro por suas numerosas citações e alusões encontradas em escritos primitivos da Igreja como a Didaquê, as Epístolas de Barnabé, e documentos de Inácio, Justino Mártir, e outros.

Já sobre o local de sua autoria, pouco se sabe conclusivamente, apesar de muitos assumirem como sendo Antioquia, especialmente por ter sido Inácio o primeiro a fazer referências claras ao texto de Mateus. Ainda assim, Carson (2010, p. 40) reitera que a única conclusão de maior precisão que pode ser inferida é a de que o livro tenha sido elaborado em algum lugar da província romana da Síria, e que devido à possibilidade do caráter itinerante do evangelista, não se pode afirmar com exatidão a localidade de sua compilação.

3.2 Destinatários e Propósitos Centrais do Livro

O Evangelho de Mateus, segundo Lopes (2019, p. 21) foi destinado pela pena do apóstolo aos judeus crentes da província romana da Síria, objetivando a confirmação de Jesus como o Messias prometido pelas Escrituras, e o auxílio da comunidade da fé na vivência piedosa em meio à resistência, e até perseguição, de seus compatriotas inconvictos. Hörster (1996, p. 24) adiciona à esta hipótese, afirmando que “Os primeiros leitores desse evangelho eram cristãos-judeus familiarizados com os costumes judaicos e com o AT. O seu objetivo era mostrar e demonstrar aos seus patrícios que Jesus era o Messias de Israel.”

Hendriksen (2001, p. 104) segue linha de raciocínio similar à supracitada, afirmando que ao endereçar seu livro ao povo judeu de fala grega na Síria, o objetivo do autor seria ganhar para Cristo os não-convertidos e fortalecer aqueles que já haviam sido convencidos das Boas Novas. É importante salientar, no entanto, que assim como a localidade de autoria do livro é incerta (vide tópico superior), a comunidade judaica específica que o evangelho em questão foi endereçado originalmente também não pode ser facilmente determinada de forma conclusiva. (CARSON, 2010, p. 40).

Tratando sobre o entendimento dos propósitos e temas centrais como parte da hermenêutica, Osborne (2009, p. 45) afirma que não se deve estudar qualquer trecho das Escrituras sem uma noção básica dos problemas,

situações e temas tratados no livro como um todo, sendo muito mais fácil interpretar adequadamente as particularidades de certas afirmações quando um panorama mais amplo delas é observado. E assim como todo outro documento do texto bíblico, o Evangelho de Mateus possui ênfases e propósitos específicos, sendo a compreensão precisa destes de altíssimo valor para a análise exegética das narrativas e discursos nele contidos.

Hernandes Dias Lopes (2019, p. 24) classifica as principais ênfases do primeiro evangelho em oito afirmações. O apóstolo Mateus teria: escrito primordialmente para judeus; enfatizado Cristo como rei; apresentado interesse na igreja; dado destaque ao reino dos céus; evidenciado os ensinamentos de Jesus; indicado a segunda vinda de Cristo mais do que qualquer outro evangelista; destacado a universalidade das boas novas; e dado lugar de importância aos debates de Jesus com os religiosos de sua época. Destas afirmações, no entanto, a segunda seria a que mais caracteriza o livro como um todo. Isto é, Cristo como Rei.

Apoiando a ideia da realeza de Jesus Cristo como foco primeiro na obra de Mateus, Tasker afirma:

“...é evidentemente muito relevante descrever o Evangelho de Mateus como sendo o evangelho apologético, litúrgico e eclesiástico. Mas se procurarmos um adjetivo único para descrever sua característica dominante, talvez o que melhor corresponda ao nosso propósito seja a palavra ‘Real’.” (TASKER, 2006, p.15)

A clareza da ênfase de Jesus como sendo o Rei que viria trazer vitória para o povo de Israel é facilmente encontrada em Mateus, já que permeia todo o primeiro sinótico, tanto em versos, quanto conceitualmente. Algumas referências diretas ao conceito da realeza de Cristo podem ser observadas em Mt 1:1-7; Mt 2:2; Mt 21:11; Mt 25:31-46.

3.3 Contexto político-religioso da época

O encerramento da Bíblia hebraica se dá com o povo da Judeia submetido ao governo do Império Persa. Segundo o relato bíblico, todo o poderio do reinado de Israel havia sucumbido à povos pagãos como execução da Ira Divina, devido à idolatria e corruptibilidade de seu povo e seus governantes. Contudo, no contexto do Novo Testamento percebe-se a

dominância de outro império – o Romano, que se estabeleceu logo após o período de dominação macedônica (e outros grupos de menos expressividade) sobre a região da Palestina. Ou seja, no período desde o cerco de Jerusalém (586 a.c.) até o período de escrita do Evangelho de Mateus (vide seção anterior), o povo judeu havia sofrido numerosas incursões belicosas, filosóficas e culturais de nações próximas, e já havia em muito, se distanciado de sua essência veterotestamentária. (BRUCE, 2019, p.15).

No intuito de explicar os desdobramentos religiosos de cada um dos períodos de domínio estrangeiro do povo judeu, Radmacher (2010, p.2) dividiu o aproximado meio milênio intertestamentário em seis eras: era persa (536 até 336 a.C.), era grega (até 323 a.C.), era egípcia (até 198 a.C.), era siríaca (até 165 a.C.), era macabeia (até 63 a.C.), e a era romana, vigente no Novo Testamento. Dentre os principais desenvolvimentos que impactaram o cenário político-cultural da Judeia neste período, pode-se destacar o surgimento das sinagogas e do templo de Samaria, a disseminação da fala e escrita grega, a helenização da cultura judaica, e a criação dos grupos político-religiosos fariseus, saduceus, zelotes, herodianos e essênios (por mais que estes últimos não respondiam diretamente na esfera pública, expressando suas posições na adoção da vida monástica).

Vale ressaltar que apesar de boa parte do Evangelho de Mateus ser direcionada a fazer referência aos embates de Jesus com alguns dos grupos listados, no caso da perícopes selecionada, Cristo dirige seu discurso à uma audiência geral, não excluindo ou incluindo de forma direta críticas a um grupo específico.

Neste ínterim de controle estrangeiro e descaracterização cultural e religiosa, o povo judeu passou a ansiar cada vez mais pelo cumprimento das promessas de reedificação da casa de Davi e restauração de sua glória, realizada através de um segundo Davi mais importante, bem como da chegada do dia de Yahweh, quando se consumaria a vitória do Deus de Israel sobre seus inimigos e a segurança e bem-estar de seu povo estariam garantidos. Contudo, F.F. Bruce (op. cit., p. 135) defende que o sentimento por este Messias que haveria de vir em nada se parecia com uma expectativa espiritualizada, mas sim como a esperança por um príncipe da Casa de Davi que daria fim permanente ao jugo opressor que pesava sobre Israel. Apenas

dentre uma minoria silenciosa, habitava e vocalizava-se vez ou outra, uma espera por uma transformação a níveis espirituais.

Kraybill (2017, p. 91) suporta o argumento de que o povo de Israel estava distante de esperar por um libertador que não fosse literal, revolucionário e que fosse despedaçar o império inimigo opressor, e ainda coloca em evidência que, independentemente das divergências políticas e opiniões distintas sobre como Deus realizaria seus planos redentores, os diferentes grupos religiosos vigentes na época concordavam com a premissa de que haveria de vir um messias que colocaria ordem na palestina e expulsaria os inimigos de Israel.

Logicamente, o *modus operandi* de Jesus e sua mensagem ácida para o ouvido de alguns diferiu radicalmente do personagem esperado, e gerou resistência crescente à medida com que se tornava conhecido o ministério do galileu até então desconhecido, filho de carpinteiro.

Se faz necessário adicionar que, em meio às profecias supracitadas, é possível perceber referência a um mensageiro que precede a vinda vitoriosa de Yahweh, servindo de prenúncio para Sua chegada. As passagens bíblicas mais comumente relacionadas a este precursor estão em Malaquias 3:1-2 e Isaías 40:3.

3.4 A figura de João Batista

Considera-se essencial para a compreensão do texto em questão ao menos uma análise *en passant* sobre um de seus personagens centrais – o profeta batista. Webb (1991, p. 20) destaca que, apesar de ser uma figura precursora que fica à sombra do ministério de Jesus, a importância de João Batista na mensagem cristã é nitidamente evidenciada na presença do personagem em todos os textos evangélicos, e em seus apontamentos e similaridades para com a práxis do Messias.

O nascimento de João, assim como o de seu primo Jesus, possui relato bíblico e gerou determinada comoção por parte de alguns. Este evento miraculoso foi anunciado angelicamente à Zacarias, sacerdote justo perante Deus e pai de João, juntamente com Isabel, sua esposa estéril, conforme o texto Lucano. Ao celebrar a vida de seu filho recém-nascido, Zacarias irrompe,

cheio do Espírito Santo, em uma canção de adoração a Deus por Suas promessas de libertação do Seu povo, profetizando, em meio ao cântico, que João seria o mensageiro precursor profetizado séculos antes – aquele que prepararia o caminho do Senhor (Ml 3:1; Is 40:3). Esta proclamação é confirmada por Marcos no princípio de seu evangelho (Mc 1:2) e também reafirmada por Cristo em sua defesa do caráter do profeta (Mt 11:10; Lc 7:27).

Ainda sobre cumprimentos proféticos em João Batista, a figura de João é correlacionada, em diversos momentos do Novo Testamento, com o envio de Elias anunciado por Malaquias (Ml 4:5-6). As similaridades entre o ministério de João e de Elias são muitas. Assim como Elias, João: era um proclamador do arrependimento para o povo de Deus; teve aparição repentina no cenário profético da época; era incisivo em sua mensagem; e vivia uma simplicidade extremada (HENDRIKSEN, 2001, p.695). E apesar da negação de João (Jo 1:21), esta afirmação é divulgada e aceita por Jesus (Mt 11:14), pelos discípulos (Mt 17:13), e pelo próprio anjo que pressagiou o seu nascimento (Lc 1:17). De fato, mesmo não sendo literalmente Elias, João se manifestava no espírito e no poder do mesmo, como prenunciado pelo anjo a Zacarias.

Acerca dos anos subsequentes ao seu nascimento, muito se presume sobre a vida de João, apesar da escassez de informações sobre tal nas Escrituras. A principal teoria é a de que ele teria acompanhado a comunidade dos Essênios, e até feito parte da mesma. Esta linha interpretativa ganhou força especialmente após o achado dos Manuscritos de Qumran, conectando o estilo de vida ascético, a habitação no deserto, e a prática do batismo de João, ao grupo supracitado. Contudo, Taylor (1997, p. 48) defende que as diferenças gritantes no teor da mensagem de ambos (ênfase na utilização distinta de Is 40:3), dissemelhanças no significado do batismo, e o padrão de vida bastante particular e peculiar de João tornam inviável a interpretação de uma relação direta entre o profeta batista e a comunidade essênia, seja durante ou anterior ao seu ministério.

A pregação e o batismo de João atraíram muitos nas imediações do Rio Jordão que ansiavam pelo fim do silêncio profético e buscavam consolo nos antigos oráculos de um reinado vindouro sobre Israel (Mt 3:5). Muitos se aproximaram o suficiente para serem chamados discípulos do profeta batista, assumindo suas práticas de piedade (Mc 2:18), e alguns destes se tornaram

seguidores de Jesus logo em seguida, tal como André (Jo 1:40). Até mesmo os fariseus e saduceus apresentaram curiosidade e interesse no ministério de João antes de serem repreendidos por ele, tendo suas intenções no batismo e seu comportamento perante a lei divina questionados.

A localização espacial e temporal de João na história da redenção também agrega informações importantes sobre o seu ministério. Em Lucas 3:2 é possível perceber que João Batista é enviado por Deus à uma nação submetida ao opressor domínio Romano sob as mãos de Pôncio Pilatos e da dinastia Herodiana. Além disto, o alto sacerdócio da época se realizava em Anás e Caifás, apesar deste duplo sacerdócio não hereditário não estar de modo algum alinhado aos mandamentos do Senhor. Rienecker (2005, p.52), sobre o assunto, afirma que “quando o evangelista cita dois sumo sacerdotes, isso também assinala o desgaste do governo religioso, pois, de acordo com a lei, somente um sumo sacerdote podia exercer o mandato”. Neste íterim de muitas autoridades, mas nenhuma em acordo com a vontade do Senhor, Deus decide enviar sua mensagem não aos sacerdotes, mas a um humilde profeta no deserto, e isto por si só já é uma denúncia da corruptibilidade do povo judeu, e a importância do profeta batista para o cumprimento da promessa messiânica (WIERSBE, 2007, p. 227).

4. ANÁLISE SEMÂNTICA

Assim como a análise dos contextos literário e histórico-cultural é importante para o entendimento adequado de um escrito, especialmente no que tange textos antigos, analisar semanticamente cada termo utilizado, buscando compreender seu significado original e adquirido, é parte essencial nos processos de interpretação. Por esta razão, evidencia-se adiante os termos que mais se destacaram na perícopes de Mateus 11:7-15 tanto por sua importância para a compreensão geral da passagem, quanto pelo número de discussões ao redor de seu significado em símbolo, sentido e referência.

4.1. “Caniço agitado pelo vento”

Jesus, ao perceber as aparentes dúvidas da multidão sobre o caráter de João Batista, pergunta se sua audiência havia ido até o deserto ouvir um “κάλαμον ὑπὸ ἀνέμου σαλευόμενον” – um caniço (ou junco) agitado pelo vento (Mt 11:7). De acordo com F.F. Bruce, a multidão, apesar de não compreender a mensagem de João com exatidão, “entendeu que ele estava, de alguma forma, desapontado com Jesus. Jesus o defendeu da possível acusação de inconstância e leviandade. Ele somente estava sendo leal à mensagem que tinha sido confiada a ele” (2019, p. 1571).

Hendriksen (2001, p. 687) assume posição similar em seu comentário bíblico, entendendo que tal pergunta retórica de Jesus apenas denuncia que a audiência havia concluído, após o questionamento dos discípulos de João, que este seria uma pessoa leviana e vacilante, desabonando todo seu ministério até então por uma única ocasião mal compreendida. E esta fraqueza na conclusão pública da imagem de João seria o principal motivo do posicionamento assertivo do Messias em defesa do profeta precursor.

4.2. “Muito mais do que um profeta”

Transliterado do grego *perissoteron prophētou*, a expressão em questão não apenas se utiliza da palavra profeta, referenciada com alto rigor pelas Escrituras, mas ainda adiciona um caráter de maior excelência. De acordo com Kittel (2013, p. 323), *prophētēs* (ou profeta) encontra seu sentido em “aquele que proclama” ou “aquele que prediz”, trazendo referência usualmente religiosa, relacionada ao indivíduo que media o divino e o humano, podendo ainda servir como título ou ofício. Já *perissoteron*, de acordo com o Léxico de Strong (2002, p. 1590), significa-se em abundância, sobreposição, superioridade, caráter mais extraordinário. Sobre João Batista ser maior do que os profetas que o precederam, Carson (2010, p. 315) defende que apenas João serviu como precursor imediato do Messias, apontando o mesmo pessoalmente e preparando o caminho para sua vinda. Além do mais, ele também faz parte do cumprimento de profecia, diferentemente de todos seus antecessores.

4.3. “Ninguém maior do que João”

Seguindo a ideia de João ser mais excelente do que um profeta, logo após citar a profecia de Malaquias 3:1, Cristo continua sua defesa da figura batista expondo que “entre os nascidos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Batista” (Mt 11:11). Aqui, a tradução para o português não abre muita margem para derivações de sentido, mas a compreensão da frase exige determinada reflexão teológica. Para F.F. Bruce (2019, p. 1571), trata-se, possivelmente, de alusão à grandeza de João dada por sua posição – de todos que anunciaram a vinda do Rei, João seria o maior pois era quem possuía maior laço de proximidade com o Filho do Homem. Rienecker (1998, p. 126) amplia o conceito, afirmando que a posição, além disso, é privilegiada pois João encerra a Antiga Aliança e inaugura a Nova – este é o seu chamado como precursor. Logo, por seu papel pivotal na história da Redenção, compreende-se sua importância evidenciada.

4.4. “Reino dos Céus”

Antes da definição do conceito por trás da terminologia, se faz necessário comentar sobre a discussão entre o emprego de “Reino dos Céus” (βασιλεία τῶν οὐρανῶν) versus a utilização de “Reino de Deus” (βασιλεία τοῦ Θεοῦ). Há, especialmente em círculos de interpretação mais alegórica e dispensacionalista, a tentativa de distinção dos termos, relacionando um sentido mais lato a um, enquanto restringe o outro a um estágio intermediário específico de sua escatologia. Contudo, esta diferenciação tem fundamentação bastante frágil, especialmente quando na mesma narrativa, autores diferentes empregam termos diferentes para fazer referência ao mesmo objeto, como por exemplo, Mateus 11:11 (Reino dos Céus) e Lucas 7:28 (Reino de Deus), Mateus 13:24 (Reino dos Céus) e Marcos 4:26 (Reino de Deus), dentre outros.

Uma possível explicação para a utilização intercambiável dos termos citados acima, conforme Geerhardus Vos (2005, p. 32), se dá no fato de Marcos e Lucas terem escrito seus evangelhos para gentios, que, por possivelmente não conhecerem a expressão tipicamente judaica “dos céus” que enfatiza a infinita majestade de Deus sobre Sua criação, considerariam de forma mais inteligível o termo “Reino de Deus”. A mesma justificativa funciona

reversamente para o termo escolhido por Mateus, já que sua provável audiência – judeus – tendiam a evitar o uso do nome de Deus, mas compreendiam com clareza a expressão “Reino dos Céus”. “Ao se referir ao “Reino dos céus”, Jesus procurava usar essa expressão em um sentido que não era em nada diferente de “Reino de Deus” exceto por uma adicional nota de ênfase à natureza exaltada daquele a quem esse Reino pertence” (ibid., p. 33).

Sobre o significado deste Reino Divino, há muita divergência no entendimento daquilo que as Escrituras Sagradas fazem menção. A principal problemática gira em torno do reducionismo provindo da interpretação de versículos isolados. Alguns enfatizam o seu aspecto subjetivo, outros o entendem apenas escatologicamente, e outros ainda relacionam seu significado com a Igreja ou com padrões da sociedade perfeita. No entanto, existe uma complexidade intrínseca ao significado de Reino de Deus que precisa ser levada em conta para uma compreensão mais precisa. Ladd, ao explanar este reinado soberano e redentor expresso em diferentes estágios, afirma:

“O Reino é uma realidade atual (Mt 12.28) e, contudo, é uma bênção futura (I Co 15.50). Ele é uma bênção espiritual redentora (Rm 14.17), experimentada apenas por meio do novo nascimento (Jo 3.3), e, contudo, terá que ver com o governo das nações do mundo (Ap 11.15). O Reino é um domínio no qual os homens entram agora (Mt 21.31), e no qual, todavia, entrarão amanhã (Mt 8.11). Ele é, ao mesmo tempo, um presente de Deus que será conferido, pelo Senhor, no futuro (Lc 12.32) e que, no entanto, precisa ser recebido no presente (Mc 10.15)”. (LADD, 2008, p.19)

Logo, ao mesmo tempo em que a Bíblia trata o Reino dos Céus como sendo uma realidade física de um governo celeste que está por vir, trata-o como uma bênção experimentada desde o presente em espírito e em prática por aqueles inseridos no pacto redentor divino. Não se trata de um significado ou de outro, mas de ambos simultaneamente inseridos na história da redenção. Aparentemente, esta ideia de um Deus soberano que governa e reina sobre tudo e sobre todos em ambos os sentidos, concreto e abstrato, era um pensamento glorioso, prazeroso e constante para Jesus, inclinando o leitor bíblico a acreditar que isto ocupava lugar central na mente do Messias judeu. (VOS, op. cit., p. 33).

4.5. “O menor no Reino dos Céus é maior do que ele”

Compreender que o Reino dos Céus se refere à uma realidade de governo divino tanto futura e última, quanto presente e inaugurada aos homens com a vinda do Senhor Jesus é essencial para entender a comparação feita entre o menor dos inseridos neste reinado recém-chegado e João Batista, citado como sendo o maior dentre todos os nascidos até então, e agora colocado como o menor. Carson (2010, p. 315) justifica este comparativo com o fato de que aqueles considerados como inseridos no Reino dos Céus vivem após a ocorrência dos eventos da revelação do Messias de Deus e do início do *escathon* cristão, podendo apontar para Jesus e sua obra de forma muito mais clara do que todos que viveram apenas com base em profecias e oráculos divinos. Bruce (2019, p. 1571) amplia o conceito, afirmando que dentre todos os que anunciaram o Rei, João era o maior por sua proximidade com o Filho de Deus (ver 3.3), contudo qualquer um que experimentasse a plenitude de seu poder Real seria maior que João em posição.

4.6. “Sofre violência”

Existem divergentes opiniões sobre o sentido da expressão escolhida por Mateus para fazer referência ao estado do Reino dos Céus em Mt 11:12, βιάζεται – biazetai (translit.). Esta tem sido traduzida como “tem sido atacado com violência” (NTLH), “sofre violência” (NAA), “é tomado à força” (KJV) ou “tem avançado poderosamente” (A21). As divergências surgem, em sua maior parte, se dá na forma adotada pelo verbo. A análise comumente adotada é a de que, ou a voz aqui é intermediária, dando a entender que o Reino é tomado por força, no sentido em que avança forçosamente sobre a Terra, ou ela é passiva, denunciando a violência sofrida pelo Reino desde os dias de João Batista (TASKER, 2006, p. 94). Richards concede ao verbo o caráter de “antanáclase”, por ser utilizado com sentidos contraditórios, e resume o conflito aceitando ambas as interpretações: “Desde o início, a mensagem do reino teve que abrir seu caminho, derrotando o poder das trevas. E desde o início, os homens que usam de violência, resistem desesperadamente ao seu progresso.” (RICHARDS, 2007, p. 40). Ambas as interpretações encaixam no

contexto subsequente sem prejudicar a compreensão do quadro geral da passagem (ver 3.6).

4.7. “Os que usam de força se apoderam dele”

Seguindo a expressão explanada em 3.5, Mateus continua sua abordagem com *biastai harpazousin autên* (translit.). Alguns intérpretes tentam seguir uma posição positiva para ambas as partes de Mt 11:12, afirmando que assim como o reino avança com sucesso, as pessoas fortes e corajosas devem se esforçar no presente para tomarem posse dele. Carson (2010, p. 317), no entanto, afirma que esta posição é possível, mas não convincente, uma vez que a conotação do termo escolhido (*biastés*) é sempre de violência e rapacidade, apesar de sua pouca utilização na literatura grega, e aparição única nas Escrituras (*hapax legomenon*), e *harpazousin* também presente com frequência acepções malignas.

Logo, o conceito da segunda parte do versículo em questão mais provavelmente abrange a oposição violenta sofrida pelo Reino dos Céus. (RADMACHER, 2010, p. 40). Algo que se conecta tanto com a interpretação do segmento anterior como sendo o avanço glorioso do reinado (que traria perseguição e resistência por consequência), quanto com a possibilidade de um aparente paralelismo sobre a hostilidade dos homens para com o Reino de Deus.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou aprofundar pesquisas na perícopa de João na história da Redenção (Mt 11:7-15), no intuito de obter uma aproximação maior ao sentido original pretendido por Jesus, de acordo com o autor, em seu discurso em defesa do caráter de João Batista. A análise ateve-se aos principais conceitos teológicos do texto, sem a pretensão de exauri-los, mas no intuito de trazer uma melhor compreensão sobre trechos que apresentam determinada divergência em suas linhas de interpretação.

A narrativa da passagem escolhida se inicia com uma multidão muito provavelmente receosa e incerta com o caráter de João Batista e veracidade

de seu ministério após os discípulos do profeta terem ido até Jesus confirmar se ele era mesmo o messias que haveria de vir. Jesus rapidamente percebe a dúvida no coração da multidão e passa a reforçar a nobreza e retidão da conduta de João, lembrando sua audiência de que ele servia de cumprimento para as promessas de um precursor que prepararia a vinda do Senhor.

Aqui cabe o adendo de que o questionamento de João possivelmente inquiria, através de seus discípulos, sobre a práxis de Jesus, e não sua identidade como Messias. João esperava um rei que viria sim estabelecer um reino eterno de paz, com um caráter mais espiritual, mas também aguardava por um libertador militar, o que parecia bastante distante das realizações de Cristo. Por este motivo, o profeta questionava-se se deveria esperar outro: não porque desacreditava que a inauguração do Reino se iniciava em Cristo, mas porque estava incerto se a totalidade das promessas seria cumprida nEle. Jesus satisfaz seus indagadores categoricamente apontando as Escrituras para Ele mesmo e suas obras, respondendo que nEle se realizaria a redenção por completo.

A reafirmação de João Batista por parte de Cristo se dá logo depois. Jesus se torna à multidão confusa e tece comentários sobre João como sendo o cumprimento MI 3:1 (o mensageiro que prepararia o caminho) e MI 4:5 (Elias), e coloca-o como muito maior do que um profeta e o maior dos homens até então. Isto porque não somente teria sido um arauto que anunciava o Rei que havia de vir, como também teve a possibilidade de conviver com ele, até mesmo batizando-o. Jesus certamente tinha alta estima por João, fato observado novamente em sua reação perante a morte do profeta em Mt 14:13, e abonava o seu ministério.

A partir da frase seguinte aos elogios a João há uma aparente inflexão no discurso de Cristo. Jesus agora o define como menor do que todos aqueles que estão inseridos no Reino dos Céus, fazendo referência direta não mais à pessoa de João Batista, mas à excelência mais elevada daqueles que poderão experimentar ao seu plano de redenção estabelecido em sua morte e ressurreição. Fazendo um paralelo com o parágrafo anterior, assim como João Batista era maior do que seus predecessores por ter conhecido pessoalmente aquele a quem anunciava, seus sucessores também seriam maiores do que ele

por poderem conhecer a obra de Cristo como um todo, experimentarem dela, e terem consigo a presença constante do Espírito Santo.

Ainda no assunto Reino dos Céus, o Messias continua seu discurso colocando ênfase na resistência violenta ao forte avanço do reinado recém-inaugurado (Mt 11:12). Jesus acabara de relatar suas obras e sinais (Mt 11:4-5), de mencionar a possibilidade de escândalo por parte de alguns ao seu ministério (Mt 11:6), e de repreender a fragilidade da confiança de muitos na mensagem do Reino e de seus divulgadores. Além do fato de João estar encarcerado por se opor aos pecados dos governantes. Logo, de fato o Reino dos Céus tem avançado poderosamente à medida em que é atacado ferrenhamente por homens violentos que se opõe às boas novas.

Sobre este reinado redentor na pessoa de Jesus Cristo que teriam profetizado a Lei e os Profetas, incluindo aquele que prepararia o caminho para sua chegada, João Batista. No mesmo espírito de Elias, João proclamava o arrependimento na iminência da chegada do Reino de Deus, que seria inaugurada pelo Messias. Jesus com sua máxima “Aquele que tem ouvidos, ouça!”, encerra esta parte de seu discurso desafiando a sensibilidade espiritual de seus ouvintes para que compreendam a sua mensagem de redenção e esperança.

O texto de Mt 11:7-15 é permeado de repreensão e encorajamento para todos aqueles que estão inseridos no Reino dos Céus, sendo muito mais do que apenas uma defesa da imagem do profeta do deserto. A denúncia da fragilidade da confiança que os homens tem na mensagem do Reino e em seus mensageiros, a elevação da preciosidade que é ser parte deste reino, e o estímulo para que os cristãos vivam alegremente as boas novas apesar das perseguições são algumas destas lições, que encontram lugar e relevância para a vida crista, mesmo nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BRUCE, Frederick F. **História do Novo Testamento**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

FEE, Gordon D. **Entendes o Que Lês?** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GORMAN, Michael J. **Introdução à Exegese Bíblica**. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

HARRISON, Everett F. **Comentário Bíblico Moody**. vol 2. 1.ed. São Paulo: Editora Batista Regular, 2019.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. vol. 1. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico de Matthew Henry**. 4.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. 1.ed. São Paulo: Evangélica Esperança, 1996.

KITTEL, Gerhard. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. KRAYBILL, Donald B. **O Reino de Ponta Cabeça**. 1.ed. Bragança Paulista: Mensagem para Todos, 2017.

LADD, George E. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o reino de Deus. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LOPES, Hernandes D. **Mateus**: Jesus, o rei dos reis. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2019.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H.W. **O Novo Comentário Bíblico**: novo testamento com recursos adicionais. 1.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel Ltda., 2010.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2007.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Lucas**: comentário esperança. São Paulo: Evangélica Esperança, 2005.

RIENECKER, Fritz. **O Evangelho de Mateus**: comentário esperança. São Paulo: Evangélica Esperança, 1998.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong**: léxico hebraico, aramaico e grego de strong. Barueri: Cultura Cristã, 2002.

TASKER, R.V.G. **Mateus**: introdução e comentário. 7.ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

TAYLOR, Joan E. **The Immerser: john the baptist within second temple judaism.** Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

VOS, Geerhardus. **O Reino de Deus e a Igreja.** 1.ed. Goiânia: Editora e Gravadora Logos, 2005.

WEBB, Robert L. **John the Baptizer and Prophet: a socio-historical study.** Sheffield: JSOT Press, 1991.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia.** 5.ed. São Leopoldo: Paulus, 1998.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: novo testamento.** Santo André: Geográfica Editora, 2006.